

Olhares olímpicos: estudos sobre mídia, jornalismo e comunicação

Na linha de continuidade do dossiê *Olhares olímpicos: os jogos em perspectiva pelas humanidades*, lançado pela revista **FuLiA/UFMG**, v. 9, n. 3, 2024, publicamos este novo dossiê, dedicado aos estudos sobre olimpismo, mais uma vez na sua interação com as temáticas das humanidades, nomeadamente os mídia, jornalismo e comunicação, promovendo sobretudo estudos no âmbito da lusofonia, em especial na relação luso-brasileira. Recordamos que em 2024 se realizaram os Jogos Olímpicos de Paris, precisamente num ano em que se comemorava o centenário das Olimpíadas de 1924, que tiveram um enorme impacto na imprensa internacional, contribuindo decisivamente, por exemplo, para a criação do primeiro jornal diário desportivo português, o *Diário de Sport*, nesse mesmo ano.

Mais uma vez acreditamos que dedicar uma edição da **FuLiA/UFMG** à relação entre olimpismo, mídia, jornalismo e comunicação é, em si mesmo, uma aposta ousada, sobretudo no contexto académico e científico luso-brasileiro (acentua-se no caso português), onde se revela um paradoxo: o desporto é um dos mais representativos fenómenos da cultura popular mas tem uma mitigada atenção académica, sobretudo a partir do enfoque científico das humanidades e das ciências sociais. O mesmo sucede ao nível do próprio jornalismo luso-brasileiro, em que a vertente desportiva (muitas vezes secundarizada) tem um papel hegemónico ao nível das audiências, embora de cariz enviesado, com o futebol a dominar a narrativa mediática sobre desporto. Salientamos também que do ponto de vista comemorativo se justificava esta temática nesta altura, uma vez que 2024 foi ano olímpico e ano do centenário da histórica edição dos Jogos Olímpicos de Paris de 1924, com um incontornável impacto na história dos mídia, do jornalismo e da comunicação, como referimos anteriormente.

Acentuamos, mais uma vez, que do ponto de vista científico ainda continuamos a ter uma academia herdeira da tradição dos estudos anglo-saxónicos sobre desporto, envolvendo o próprio movimento olímpico, cristalizados nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, acostumada a associá-lo aos conceitos de ordem, disciplina,

corpo, alienação e cultura de massas. O desporto e o olimpismo ficam, assim, alinhados epistemologicamente nos campos do lazer e do tempo livre, entendidos como temas menores, afastados das grandes temáticas e problemáticas sociais, como podem ser as dos campos da política ou da economia, por exemplo, que regem as dinâmicas internacionais e a própria ideia de tempo presente. Por outro lado, no campo ocupado pelos média, jornalismo e comunicação, assistimos a um crescimento exponencial do fenómeno desportivo ao longo dos séculos XX e XXI, com o olimpismo a desempenhar um papel fundamental nesse processo. Porém, ainda persiste um certo olhar sobre o fenómeno desportivo como um assunto secundário tematicamente, em termos informativos, quando comparado com temas considerados socialmente mais relevantes.

As extensas e imbatíveis audiências globais geradas pelos Jogos Olímpicos, cada quatro anos – e a própria massificação (popular e mediática) que lhe está associada nesse período – levou a algum afastamento da comunidade intelectual, avessa a este género de fenómenos, apelidados, tantas e tantas vezes, de forma pejorativa, como de “massas” ou de “baixa cultura” (embora termos em desuso, ainda por vezes utilizados). Porém, ao contrário do futebol, muito mais popular, o movimento olímpico beneficiou de um certo elitismo relacionando com os seus praticantes, assim como com os ideais olímpicos e as suas múltiplas dimensões políticas, económicas e sociais, analisadas à luz de disciplinas como a história, a sociologia, a filosofia, as relações internacionais, o direito, a educação física ou as ciências do desporto, entre outras.

O movimento olímpico moderno, nascido em finais do século XIX e popularizado no século XX, chegou ao novo milénio como elemento criador de modas e comportamentos à escala global, assumindo-se como um “facto social total” (na aceção de Mauss)¹ e complexo, carente de reflexão e investigação por parte das humanidades e das ciências sociais, assim como do enfoque disciplinar do jornalismo e das ciências da comunicação. O desafio deste número foi demonstrar, mais uma vez, o quanto o olimpismo pode e deve constituir-se num objeto de pesquisa e investigação

¹ MAUSS. *Ensaio sobre a dádiva*.

no âmbito académico e científico, dada a sua plasticidade social e apelo a abordagens interdisciplinaridades e/ou multidisciplinaridades.

A **FuLiA/UFMG** incluiu, deste modo, o olimpismo como tema central deste dossiê, demonstrando também ela o seu carácter vanguardista, plural e interdisciplinar – em linha com os pressupostos da instituição (UFMG) que lhe está na génese. Como se trata da segunda incursão desta revista (num tempo relativamente curto) a um tema tão complexo (relação olimpismo e humanidades), o desafio foi criar e abrir um espaço de reflexão e discussão sobre o olimpismo na sua relação com os média, jornalismo e comunicação, preferencialmente alimentado por investigações empíricas originais e inovadoras, alargadas a múltiplas visões e temas, que questionassem e pensassem o olimpismo e as suas intersecções com os média, o jornalismo e a comunicação.

No contexto de investigação português (em que se inserem os editores deste número), por exemplo, recordamos que a abordagem ao tema do olimpismo, em termos do seu papel filosófico, humanista, social e histórico, entre outros, tem várias incursões científicas e intelectuais. No âmbito da Universidade de Coimbra, mais uma vez para exemplificar, foram marcantes os contributos, nos anos 1937 e 1938, das obras *Ensaio sobre Desporto*² e *Desporto, Jogo e Arte*³ da autoria do professor universitário e intelectual Sílvio Lima. Mais especificamente nos ensaios *Desporto, guerra e pacifismo* e *Desporto e ascese* abordou as temáticas do olimpismo, a partir de diferentes enfoques e períodos históricos, incluindo a antiguidade grega. Nestes textos ensaísticos, Sílvio Lima lembrou o afastamento dos intelectuais e artistas portugueses com o desporto, sublinhando no ensaio *Arte e jogo, jogo e arte* que o poeta António Botto era, através da obra *Olympíadas* (1927), “o único trovador português da beleza desportiva”.⁴

A fechar o século XX, a temática do olimpismo seria igualmente analisada numa obra editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em novembro de 2000, quando publicou *O Espírito Olímpico no novo milénio*, coordenada por Francisco Oliveira. Tratava-se de uma coletânea com 17 contributos de investigadores

² Editado em 1937 pela Livraria Sá da Costa-Editora, 1.ª ed.

³ Editado em 1938 pela Livraria Civilização, 1.ª ed.

⁴ LIMA. *Obras Completas de Sílvio Lima, Ensaio sobre o Desporto – Arte e jogo, jogo e arte* (publicado originalmente em 1937), 2002, p. 1013.

de várias universidades portuguesas e estrangeiras, de várias disciplinas, resultantes dos trabalhos apresentados no II Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.⁵ As temáticas do herói desportivo, da glória desportiva, da exaltação da individualidade e da história olímpica, entre outras, foram abordadas nesta obra. Mas o tema dos média, comunicação e jornalismo acabou por estar ausente deste trabalho coletivo, assumindo, por isso, este número da **FuLiA/UFMG**, um papel pioneiro no contributo para esta área de estudos. E este contributo também é importante ao nível da valorização académica e intelectual dos estudos sobre olimpismo em língua portuguesa. Cinco artigos deste Dossiê são redigidos em português, num total de sete estudos (acresce um em espanhol e outro em inglês) – este número agrega mais dois artigos (em língua portuguesa), ao nível de temáticas Paralelas. Recordamos que várias obras de referência neste campo do olimpismo, média e sociedade são omissas em termos de enquadramento científico de estudos que analisem a dimensão portuguesa ou a lusofonia, como foi o caso da obra *The Olympics, Media and Society*, coordenada em 2015 pelos norte-americanos Kim Bissell e Stephen D. Perry, e centrada exclusivamente na realidade dos EUA.

Este dossiê da **FuLiA/UFMG** foi organizado a partir de uma matriz cronológica, de forma a enquadrar temporalmente os diferentes temas e abordagens, permitindo ao leitor entender a própria evolução histórica da relação entre os temas em análise. O primeiro estudo resulta de uma parceria entre os investigadores brasileiros Katia Rubio, Rafael Campos Veloso e William Douglas de Almeida, com o título “Estética de ouro: o monopólio da imagem olímpica como toque de Midas do COI”. Este artigo recupera o diacronismo da comunicação nos Jogos Olímpicos, e o engendramento das imagens no desporto e posterior monopólio do Comité Olímpico Internacional. E como os autores afirmam, “se no princípio da história olímpica o carácter coletivo era dado na presença do público nos estádios”, essa relação alterou-se “radicalmente com a chegada dos meios de comunicação de massa”. Um artigo instigante que faz várias incursões à história dos Jogos Olímpicos, acabando numa análise ao tempo presente através do *Olympic Channel*.

⁵ Foi organizado na Universidade Católica de Viseu, de 30 a 31 de março de 2000, sob o lema “O Espírito Olímpico no início do novo milénio”.

Após este enquadramento geral da relação entre os temas em análise, segue-se o artigo “Imprensa e Olimpismo: a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos”, numa parceria entre o historiador Francisco Pinheiro e o sociólogo Carlos Nolasco. Trata-se de um contributo sobre a forma como os média (através da imprensa escrita) e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade, centrando-se na primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, em Estocolmo-1912. Faz uma análise histórica à estreia olímpica de Portugal, no contexto político do pós-Revolução de 1910, através da imprensa (escrita), retratando o papel do jornalismo desportivo, do movimento olímpico e da ideia de desportista e herói nacional (centrado na figura de Francisco Lázaro) no início do século XX português.

A seguinte abordagem avança temporalmente para os conturbados anos 30 do século XX (Berlim-1936), no artigo “Quando o Olimpismo sucumbe à sedução do totalitarismo”, do investigador brasileiro Elcio Loureiro Cornelsen. Como o prestigiado autor brasileiro refere, “na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, a 11^a edição, realizada em Berlim sob o domínio do Terceiro Reich, é o maior exemplo de como o olimpismo sucumbiu à sedução do totalitarismo”. E é aquela que “fornece uma gama de evidências concretas da ingestão de um Estado totalitário na elaboração e execução do cerimonial olímpico, para fins de propaganda ideológica”. O artigo fundamenta-se “em pesquisa de carácter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação da censura prévia e em matérias publicadas nos jornais alemães”. Aborda as temáticas da propaganda, censura, liberdade de imprensa, relação fascismo-imprensa, tendo como pano de fundo os Jogos Olímpicos da Alemanha nazi.

Em “A mulher paratleta e a cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos Rio 2016: uma leitura das páginas de *O Estado de S. Paulo*”, Neide Maria Carlos e José Carlos Marques analisam discursivamente a representação da mulher paratleta nos Jogos do Rio de 2016. Tendo como objeto o jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos mais tradicionais do Brasil, o estudo articula conceitos de fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico, para evidenciar a insuficiente visibilidade feminina na cobertura esportiva. Amparado na análise do discurso de índole francesa, o artigo oferece uma reflexão crítica sobre os enunciados presentes nas páginas do periódico paulista.

De Rio-2016 para Tóquio-2020 (realizado em 2021, por causa da pandemia do Covid-19), através de um artigo dos investigadores brasileiros Ana Karina de Carvalho Oliveira e André Melo Mendes, com o título “Entre o espírito olímpico e o ‘Discurso Agonístico’: a narrativa dos medalhistas de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020”. Este estudo analisa as declarações públicas dos atletas brasileiros que foram medalha de ouro nas Olimpíadas de Tóquio 2020, a partir de duas hipóteses: “primeiro, de que elas mantêm uma mesma estrutura discursiva; segundo, de que os valores e crenças ali expressados estariam mais próximos de um ‘Discurso Agonístico’ do que do ideal do ‘espírito olímpico’”. Nessa análise, às declarações dos atletas, identificaram-se as crenças e valores presentes e os mais recorrentes, e os autores confirmaram a estrutura discursiva comum, em que o ‘Discurso Agonístico’ predomina junto de valores como o trabalho, a família e a fé. Tem especial destaque a desistência da ginasta Simone Biles, que aparece “como marco ao pautar o debate sobre a pressão sofrida pelos atletas e evidenciar a tensão entre ideais olímpicos e valores agonísticos”.

A análise seguinte foca-se igualmente em Tóquio-2020 e no ‘espírito olímpico’, no artigo “Valores Olímpicos: heróis e vilões no futebol através das lentes do Reddit”, da autoria do sociólogo português Manuel João Cruz, que realizou “uma análise narrativa de uma rede social online – Reddit – para compreender a mediação das Olimpíadas de Tóquio 2020 por parte das comunidades internautas”. A escolha foi “uma modalidade olímpica pouco valorizada, o futebol, mas que, devido à sua popularidade e presença global constante, enquanto desporto verdadeiramente universal, tem a capacidade de manter vivos os princípios enunciados por Coubertin fora do restrito contexto dos Jogos Olímpicos”. Neste sentido, os objetivos do estudo centraram-se “em compreender como se constroem os protagonistas do futebol olímpico e em que medida essa construção confirma ou infirma os valores olímpicos”. O autor concluiu, por exemplo, que a ‘heroicização’ dos futebolistas, em contexto olímpico, “é preferencialmente coletiva e são raros os desportistas individuais que se destacam, o que se explica precisamente pela prevalência de valores e ideais olímpicos contemporâneos”.

O artigo seguinte analisa os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim-2022 e o papel e impacto dos mídias digitais na representação e autoapresentação das atletas femininas, da autoria da investigadora norueguesa Aneta Soldati, com o título “As mulheres estão aqui, as mulheres estão com fome’: explorando articulações de empoderamento e feminismo em espaços digitais”. Esta investigação examina a forma como “as atletas olímpicas utilizam as redes sociais para articular o feminismo e o empoderamento, desafiando os paradigmas dos meios de comunicação tradicionais no contexto do Olimpismo. Explora “a forma como as desportistas criam as suas identidades, navegam nos discursos de género e se envolvem em narrativas pós-feministas”. E as conclusões revelam que “os meios de comunicação social oferecem uma ‘faca de dois gumes’: uma plataforma para a autocapacitação e a construção da identidade, mas também um espaço onde as atletas enfrentam pressões do mercado e expectativas de género”.

A fechar o dossiê temático temos um artigo dedicado precisamente aos Jogos Olímpicos de Paris-2024, da autoria de Joaquín Marín Montín, um dos mais relevantes e citados investigadores espanhóis da área dos mídias e desporto. Com o título de “Uma nova era no olimpismo? Uma análise de Paris 2024 através dos *media*”, o docente da Universidade de Sevilha sublinha que o seu artigo tem “como principal objetivo examinar aspetos-chave sobre Paris 2024 para obter novos elementos de interpretação”. Para isso analisou cinco eixos temáticos (a eleição da sede olímpica; as mudanças climáticas; os conflitos bélicos; a paridade de género dos atletas; e os aspetos organizativos), combinando a consulta de referências académicas com a análise de notícias dos mídias digitais espanhóis. Como principais conclusões sublinhou a preocupação da opinião pública relativamente aos custos reais do megaevento olímpico, a melhoria acentuada nas questões de género e o ceticismo com a introdução de novas modalidades olímpicas como o *breaking* e a sua definição como desporto.

A seguir, na seção **Paralelas**, apresentam-se dois artigos. O primeiro inaugura a série de quatro textos de Bernardo Buarque de Hollanda, a ser publicada pela **FuLiA/UFGM**, dedicada a refletir sobre o futebol a partir de observações *in loco* em estádios e arenas, registradas em relatos de primeira mão. Em “O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos I: uma experiência de pesquisa”, o autor contextualiza as transformações do futebol inglês nas últimas três décadas, especialmente

após a criação da Premier League, e analisa como essas mudanças repercutiram tanto na prática quanto na experiência de assistir ao espetáculo futebolístico no Reino Unido. O segundo artigo, “Beleza cinética e transcendência atlética: David Foster Wallace e o tênis como experiência estética, espiritual e cultural”, de César Castilho, examina como Wallace concebe o tênis como experiência estética, espiritual e cultural, elevando o esporte à condição de arte, introduzindo a noção de “beleza cinética” e revelando dimensões de transcendência e sentido existencial no jogo.

Por fim, em forma de síntese, este dossiê tem um arco temporal que navega entre os Jogos Olímpicos de Estocolmo-1912 e Paris-2024, abordando diferentes temáticas, complementares entre si, como a imagem em contexto olímpico, a ideia de herói, o patriotismo, o fascismo, o discurso dos atletas, os valores olímpicos, as questões de género, o papel da mulher, a opinião pública, as novas modalidades olímpicas, entre outras questões. Mais um contributo da **FuLiA/UFMG** para o debate sobre a relação entre desporto, mídia, jornalismo e comunicação.

Boa leitura!

Porto e Lisboa, 20 de setembro de 2025.

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra/Portugal

Rita Nunes

Comitê Olímpico de Portugal/Portugal